

2.^o h. — Eu não attribuo as famílias botâni-
 cas do meu trabalho a author nenhum; o que attri-
 buo a diversos botânicos são as designações que ado-
 pto para indicar esses grupos, tal qual se faz
 para os grupos específicos. Na verdade, desde
 o momento que não adopto o nome de Papaver
hybridum, por exemplo, dado por Lin-
 neus substituo este nome pelo de Papaver his-
pidum dado por Lamark a mesma plan-
 ta, devo collocar diante d'este a abreviatur-
 ra Lamk. e não a abreviatura Lin. Quer
 isto dizer, quando escrevo Papaver hispidum,
 Lamk., que attribuo a Lamark a criação
 ou definição da espécie a que o nome se
 refere? De modo algum. O que indica a
 abreviatura Lamk. é que a designação

empregada da espécie foi dada por Lamarck.

Da o critério em empregos para os grupos específicos é exactamente, por uma questão de lógica, coerência e uniformidade, o mesmo em empregos para os grupos genericos, para os grupos familiares, etc.

Por esta forma, quando se refere a espécie à designação de qualquer família o nome de um autor quero dizer que essa designação foi criada por esse autor e não que foi criada ou definido por elle o grupo, ou família respectiva. Se digo Brassicaceae, Lindley apenas pretendo indicar que essa designação Brassicaceae foi criada por Lindley para designar essa família, que outro já tinha definido. Eu poderia

o nome de Lindley acrescentar ainda, como in-
dicou DeCandolle, o nome do botânico referen-
do o critério do qual é conhecida essa família,
fazendo preceder esse nome das palavras in
sermo, ou, como fazem hoje muitos, so-
metido os italianos, pôr entre parentesis o no-
me do autor da designação. Dava-se isto
no tempo, um trabalho de investigação que
era impossível realizar rapidamente. De res-
ta, o que se faz é o que se vai fazer hoje,
quando não preferem não fazer depois
a designação de nome de autor nenhuma.

Adoptado este critério, procura-se o
máximo rigor possível ~~com~~ com a indicação
dos autores, tanto nas famílias, como nos ge-
neros e espécies. Para isso dispõe já hoje de

livros numerosos e são raríssimos os casos em
que eu não vou consultar as próprias fontes, com
a comprovação mais evidente possível dos dados.
Não me limito a copiar, veja o V. 1.^o de alguns
livros, por mim acreditado em si; verifique um
pouco que posso. É esta verificação o que me
tem tornado o trabalho mais moroso.

Atribuição em ao Lindley designação de
famílias que não foram criadas (as designações)
por elle? Se é assim, peço a V. Ex.^{ta} que cor-
rija, mencionando o autor que criou essa designa-
ção. O meu desejo único é ser justo e verda-
deiro, e se crei não foi sem ter empregado
todos os meios para não errar.

Quanto a adoptar na designação das
famílias a regra de Lindley, isto é, formar

sempre o nome da família do nome de um género característico d'ella devidamente modificado com a terminação aceae, devo dizer a V. Ex.^{ta} que desde ha' muito emprego este criterio, como V. Ex.^{ta} pode ver pelo trabalho que publiquei no Boletim de Soc. Botânica sobre a flora de Torres. Essa regra é hoje adoptada por numerosos botânicos, mas ainda que eu o não fosse eu adoptaria - a sempre, pela simples razão de que me parece a melhor e a mais simples de praticar ha hoje sobre tal assumpto. Devo dizer a V. Ex.^{ta} que a maior das razões dominantes da minha pequena intelligencia é esta: não aceitar nem de comprometter nem de ninguém regras ou convenções que me pareçam contrarias ao commu-

Podr V. Ex.^a
mudar sim.
primeiro o meu
meo de separar
for um prejuizo.
dejavam pelo
meo 50, por
na distribuiçao
um Otimismo.
J. Lopez

minho scientifico na a verdade. Adopto o
que entendo, e prefiro sempre o que realmente
me parece melhor. Se erro, eu estã o meu
nome tomando a responsabilidade de erro.
no, com a agravante, que não registro, e
não ter accitado a verdade proclamada por
eleições, nos congressos! Isto de eleger ou de
proclamar certas doutrinas scientificas por meio
de votos, como se faz para as junctas de pa-
rochias, é coisa que não me entra em
no caso. Que os congressos discutam e se
clareçam, está bem; que legislem e
pretendam impor, acho disparate.

Como V. Ex.^a me cita o congresso botâ-
nico de 1805, aproveito da occasião para
me digar que acho phantastico o que ali

preconizou! Imagine-se que ali chegamos
no ridículo de não considerarmos como válidas
as designações que não fossem acompanhadas,
d'hoje para o futuro, de diagnósticos em latim!
Não sei como não proporem a criação de uma
especie de cartorio para o registro da propriedade
de nomes novos. Isto é mesquinhas e rebeldes
espírito tucanhos, de que os futuros se rirão. A
ciência não admite ~~esses~~ picuinhas e rabo-
licas, porque o seu fim unico é a verdade. Ora
desde o momento que se adquire a certeza, seja
por que processo for, ~~estabelece~~ de que uma especie
recebe o seu primeiro nome scientifico de
qualquer auctor e esse nome for sempre
de, ninguém ~~de~~ pode contestar a prioridade
de a tal designação. Podem inventar as

proposições e as racionais que exigem, podem fazer as convenções que entenderem, que essa proposição fique acima de tudo, como uma verdade demonstrada e, portanto, triumpfante. Forse esse nome acompanhado ou não de diafrase em latim, em chinês, ou em hebreu, ou não fosse, ali, acompanhado de diafrase alguma, pouco importa, porque nada d'isso lhe pode tirar a prioridade, que é uma mera questão de tempo e não de linguística. O essencial é demonstrar-se que foi o primeiro, e reconhecer-se que não tem inconvenientes lógicos, seja qual for o meio por que se fez a demonstração. Se temos a verdade, em ciência todos 'tudo', e nada mais quero. Isto é o que penso e o que digo.

De A. L.

Com a maior consideração
Poncilio Lampião